

O cérebro produz a mente? Um levantamento da opinião de psiquiatras

ALEXANDER MOREIRA-ALMEIDA¹, SAULO DE FREITAS ARAUJO²

¹Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

²Departamento de Psicologia, UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil.

Recebido: 24/2/2015 – Aceito: 22/4/2015

DOI: 10.1590/0101-60830000000051

Resumo

Contexto: As visões dos psiquiatras sobre a relação mente-cérebro (RMC) têm marcantes implicações para a clínica e a pesquisa, mas há carência de estudos sobre esse tema. **Objetivos:** Avaliar as opiniões dos psiquiatras sobre a RMC e se elas são suscetíveis ou não a mudanças. **Métodos:** Realizamos um levantamento sobre as visões que os psiquiatras possuem sobre a RMC imediatamente antes e após um debate sobre a RMC no Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 2014. **Resultados:** Inicialmente, entre mais de 600 participantes, 53% endossaram a visão de que “a mente (o ‘Eu’) é um produto da atividade cerebral”, enquanto 47% discordaram. Além disso, 72% contestaram a visão de que “o universo é composto apenas de matéria”. Após o debate, 30% mudaram de uma visão materialista da mente para uma perspectiva não materialista, enquanto 17% mudaram na direção oposta. **Conclusão:** Os psiquiatras se interessam por debates sobre a RMC, não possuem uma visão monolítica sobre o tema e suas opiniões estão abertas a reflexões e mudanças, sugerindo a necessidade de mais estudos em profundidade e de debates rigorosos, mas não dogmáticos sobre o tema.

Moreira-Almeida A, Araujo SF / Arch Clin Psychiatry. 2015;42(3):69-70

Palavras-chave: Relação mente-cérebro, psiquiatria, opinião, levantamento, psiquiatras.

Introdução

A relação mente-corpo ou mente-cérebro (RMC) é uma das mais antigas e desafiadoras questões filosóficas e científicas, possuindo marcantes implicações para a psiquiatria¹⁻⁴. Contudo, esse tema é pouco discutido na literatura e na formação em psiquiatria³. A despeito de toda a diversidade histórica de tentativas de solução para esse problema, muitos debates contemporâneos tendem a girar em torno de duas posições contrárias, que podem ser brevemente resumidas da seguinte maneira. De um lado, dizem os materialistas, a mente é um processo material ou físico, um produto do funcionamento cerebral. De outro lado, de acordo com as visões não materialistas, a mente é algo diferente do cérebro, podendo existir além dele¹. Ambas as posições estão enraizadas em uma longa tradição filosófica, que remonta pelo menos à Grécia Antiga. Assim, enquanto Demócrito defendia a ideia de que tudo é composto de átomos e todo pensamento é causado por seus movimentos físicos⁵, Platão insistia que o intelecto humano é imaterial e que a alma sobrevive à morte do corpo⁶.

Esse antagonismo entre fisicalismo e antifisicalismo tem assumido diferentes formas ao longo dos séculos, sendo uma característica constante do pensamento ocidental, e se mantém vivo nos debates contemporâneos^{7,8}. Na realidade, cientistas e filósofos estão longe de resolver o problema mente-cérebro^{1,8-12}. Contudo, a despeito da falta de consenso entre os especialistas e a persistência do problema, tanto publicações acadêmicas como leigas frequentemente apresentam a visão materialista da mente como um fato científico estabelecido que deveria ser aceito por toda pessoa com boa formação, incluindo psiquiatras e cientistas em geral^{4,8}.

Essa atitude se choca com a visão tradicional de ciência como promotora de debates equilibrados e da investigação racional livre, contradizendo, assim, o próprio espírito científico que alguns alegam estar defendendo. Além disso, esse fato tem implicações para a formação tanto em clínica quanto em pesquisa em psiquiatria, posto que o trabalho dos psiquiatras depende de certas suposições sobre a RMC que eles podem tomar como certas, sem que haja uma reflexão adequada. Suposições sobre a RMC influenciam visões e atitudes que se tem sobre a natureza humana em geral (por exemplo: pode-se assumir que somos robôs biológicos determinados por nossos

neurônios e nossos genes, que a mente é o aspecto fundamental do ser humano e que de algum modo influencia o cérebro e os genes etc.), o livre-arbítrio (por exemplo: pode-se acreditar que os pacientes têm controle sobre seus pensamentos, sentimentos, sintomas e comportamentos), a etiologia dos transtornos mentais (orgânica/biológica e/ou funcional/psicossocial) e opções de tratamento (ênfase em intervenções biológicas e/ou psicossociais)²⁻⁴.

Entretanto, tem havido poucos estudos investigando o posicionamento de cientistas e clínicos em relação à RMC, bem como sobre sua abertura à reflexão e à mudança. Enquanto são escassas as pesquisas de levantamento com estudantes universitários e profissionais de saúde^{13,14}, até onde sabemos não há nenhuma com psiquiatras. O objetivo deste estudo é avaliar as opiniões dos psiquiatras sobre a RMC e se elas são suscetíveis ou não a mudanças.

Métodos

Realizamos um levantamento relativamente às opiniões, sobre a RMC, dos participantes (majoritariamente psiquiatras) do Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 2014, que ocorreu em Brasília, DF, Brasil. Como parte do programa oficial, houve um debate intitulado “Qual é a relação entre a mente e o cérebro? O cérebro produz a mente ou é um instrumento para a manifestação da mente?”. Dois conferencistas (psiquiatras), cada um defendendo uma posição geral sobre a RMC (materialista ou não materialista), foram mediados por um coordenador (psiquiatra) do debate, que durou 2 horas, incluindo um tempo para perguntas da audiência. O debate gerou bastante procura (o auditório de 600 assentos estava lotado) e os participantes responderam às mesmas questões sobre a RMC e a natureza última do universo (Tabela 1) imediatamente antes e após o debate, usando dispositivos sem fio em um sistema de votação interativa.

Resultados

A audiência estava dividida antes do debate, com aproximadamente metade concordando com cada posição sobre a RMC e dois terços endossando uma visão não materialista do universo (Tabela 1). Houve também coerência entre as respostas a ambas as questões: somente

6% aceitaram simultaneamente que a mente não é um produto da atividade cerebral e a visão incompatível de que todo o universo é composto apenas de matéria. Além disso, visões materialistas sobre a RMC não implicam necessariamente uma visão materialista do universo, posto que 55% dos acreditam que a mente é um produto do cérebro rejeitaram uma descrição puramente física do universo. Finalmente, quase metade dos psiquiatras brasileiros concordou com a visão de que a mente não é um produto da atividade cerebral.

Tabela 1. Respostas às duas questões logo antes e após o debate sobre RMC

| | Você acha que a mente (o seu "eu") é um produto da atividade cerebral? | | Você acha que o Universo (tudo o que existe) é composto apenas de matéria (partículas e forças físicas)? | |
|-----------|--|---------------|--|---------------|
| | Antes % (n) | Após % (n) | Antes % (n) | Após % (n) |
| Sim | 53 (331) | 40 (103) | 28 (181) | 17 (41) |
| Não | 47 (298) | 60 (155) | 72 (474) | 83 (195) |
| Total (n) | 629 | 258 | 655 | 236 |

Dos congressistas que responderam às questões antes e depois do debate, 30% mudaram suas posições de uma perspectiva materialista para uma não materialista da mente e 17% mudaram na direção oposta; 30% mudaram de uma visão materialista do universo para uma visão não materialista e 2% mudaram na direção oposta.

Discussão

A divisão das posições de psiquiatras brasileiros sobre a RMC em dois blocos de aproximadamente 50% parece refletir as controvérsias acadêmicas em relação ao problema mente-cérebro. Nossos achados estão a meio caminho entre estudantes universitários escoceses (67% afirmaram que mente e cérebro são coisas separadas) e profissionais de saúde belgas (40%)¹³.

Os congressistas estavam não apenas interessados na discussão, mas também suscetíveis à reflexão e à mudança de opinião com base nos argumentos apresentados durante o debate. Estudos com universitários nos Estados Unidos encontraram que a apresentação de explicações fortemente mecanicistas da mente aumenta a aceitação, por eles, de visões materialistas da RMC^{14,15}. Por outro lado, mostrar os limites e a lacuna explicativa (*explanatory gap*) em neurociência aumenta a aceitação dos estudantes de visões não materialistas da mente¹⁵. Vários participantes vieram nos procurar após o debate e admitiram que nunca tinham pensado com profundidade sobre a RMC ou mesmo ouvido muitos dos argumentos apresentados durante o debate. Alguns nos disseram que o debate lhes causou profunda impressão.

Uma limitação do nosso estudo é que nem todos os participantes eram psiquiatras, alguns provavelmente eram estudantes de Medicina ou outros profissionais de saúde mental. Contudo, posto que em torno de 85% dos participantes do congresso eram médicos, especialmente psiquiatras, é muito provável que a maioria da nossa amostra seja composta de psiquiatras. Houve também uma considerável perda de participantes próximo ao fim do debate. Como o debate durou 2 horas e a última parte foi dedicada a questões feitas pelo público, várias pessoas deixaram o auditório durante os últimos 30 minutos. Contudo, para minimizar vieses, apenas analisamos dados de mudança de opinião dos participantes que responderam às mesmas questões antes e após o debate. Finalmente, apesar do tamanho considerável da amostra, não está claro o quanto ela representa as posições dos psiquiatras brasileiros como um todo.

Vários aspectos deste estudo merecem destaque. Até onde sabemos, é o primeiro levantamento já feito sobre as visões de psiquiatras em relação à RMC, além de contar com uma ampla amostra coletada no terceiro maior congresso de psiquiatria do mundo. Graças à tecnologia do sistema de votação interativo sem fio, foi possível não apenas identificar as posições dos psiquiatras sobre a RMC, mas também realizar um experimento natural sobre o impacto de expor um amplo e qualificado grupo de psiquiatras à apresentação e discussão das duas principais visões em relação à RMC, algo nunca feito anteriormente.

O presente estudo mostrou que cerca da metade dos psiquiatras aceitava uma visão materialista da mente e quase a metade deles tinha uma visão não materialista. Setenta e dois por cento endossaram uma visão não materialista do universo. Nossos dados indicam que os psiquiatras estão interessados em discussões sobre a RMC, a despeito da baixa frequência de tais debates na literatura e na formação em psiquiatria. Ficou claro que os psiquiatras não apresentam uma visão monolítica sobre a RMC e que discussões podem fomentar o pensamento crítico sobre o tema, levando à consolidação ou à mudança de opinião. Contudo, para fomentar o pensamento crítico, é necessário mais do que apresentações simplistas e caricatas da RMC, como se esta fosse um problema já resolvido, abrindo o debate, assim, para diferentes visões e para os desafios que eles colocam à nossa compreensão científica da natureza humana.

Referências

- Chalmers DJ. Consciousness and its place in nature. In: Stich S, Warfield F, editors. Blackwell guide to philosophy of mind. Oxford: Blackwell; 2003.
- Cloninger CR. The importance of ternary awareness for overcoming the inadequacies of contemporary psychiatry. Rev Psiquiátr. 2013;40(3):110-3. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000300006>>.
- Kendler KS. A psychiatric dialogue on the mind-body problem. Am J Psychiatry. 2001;158(7):989-1000.
- Miresco MJ, Kirmayer LJ. The persistence of mind-brain dualism in psychiatric reasoning about clinical scenarios. Am J Psychiatry. 2006;163(5):913-8.
- Berryman S. Democritus. In: Zalta E, editor. The Stanford Encyclopedia of Philosophy 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/democritus/>>.
- Plato. Phaedo. In: Hamilton E, Cairns H, editors. The collected dialogues of Plato. Princeton: Princeton University Press; 2005.
- Crane T, Patterson S. Introduction. In: Crane T, Patterson S, editors. History of the mind-brain problem. London: Routledge; 2000. p. 1-12.
- Araujo SF. O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais. Rev Psiquiátr. 2013;40(3):114-9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000300007>>.
- Moreira-Almeida A, Santos FS. Exploring frontiers of the mind-brain relationship. New York: Springer; 2012.
- Nagel T. Mind and cosmos: why the materialist neo-Darwinian conception of nature is almost certainly false. Oxford/New York: Oxford University Press; 2012.
- Uttal W. Mind and brain: a critical appraisal of cognitive neuroscience. Cambridge, MA: The MIT Press; 2011.
- Araujo SF. Searle's new mystery, or, how not to solve the problem of consciousness. Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia. 2013;4(1):1-12.
- Demertzi A, Liew C, Ledoux D, Bruno MA, Sharpe M, Laureys S, et al. Dualism persists in the science of mind. Ann N Y Acad Sci. 2009;1157:1-9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-6632.2008.04117.x>>.
- Harrington IA. Can you change a student's mind in a course about the brain? Belief change following an introductory course in biological psychology. J Undergrad Neurosci Educ. 2013;12(1):A23-33. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3852867/>>.
- Preston JL, Ritter RS, Hepler J. Neuroscience and the soul: competing explanations for the human experience. Cognition. 2013;127(1):31-7. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2012.12.003>>.